

O pensamento de Josef Pieper no Brasil – as revistas do Cemoroc

Roberto C. G. Castro¹

Resumo: Este artigo mostra a importância do Cemoroc para a divulgação do pensamento do filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997) no Brasil. Uma das primeiras editoras eletrônicas do país, a Mandruvá (editora do Cemoroc) já publicou mais de 40 artigos de Pieper, além de comentários sobre sua obra.

Palavras Chave: Cemoroc. Editora Mandruvá – Josef Pieper – filosofia alemã.

Abstract: This article shows the key role played by Mandruvá Press (Cemoroc) in spreading the thought of german philosopher Josef Pieper (1904-1997) in Brazil. One of the first electronic publishing houses of the country, Mandruvá has published already more than 40 works by Pieper, besides articles by diverse authors on his philosophy.

Keywords: Cemoroc. Mandruvá Press – Josef Pieper – German philosophy.

Desde que foi fundada, em 1997, a Editora Mandruvá (do Cemoroc) se tornou a principal fonte de divulgação do pensamento do filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997) no Brasil. Artigos de Pieper apareceram 41 vezes em oito revistas on-line da editora, publicados em três idiomas, sendo o mais frequente o português (33 vezes), seguido pelo espanhol (6) e o alemão (2).

Por exemplo, a revista *International Studies on Law and Education* publicou nove artigos do filósofo alemão. Na revista *Notandum* apareceram sete ensaios. As revistas *Convenit Internacional* e *Mirandum Plus* lançaram seis textos de Pieper, cada uma. Já *Mirandum*, *Videtur* e a *Revista Internacional d'Humanitats* trouxeram, respectivamente, cinco, quatro e três textos pieperianos. Um artigo de Pieper apareceu ainda na revista *Collatio*.

Porém, mais importante do que apontar a quantidade de artigos de Pieper publicados pela editora é notar a qualidade desses textos. Os ensaios disponibilizados gratuitamente na internet pela Mandruvá reproduzem os aspectos essenciais do pensamento do filósofo alemão, que tem como marcas a fidelidade à autêntica tradição filosófica e teológica do Ocidente – representada principalmente por Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e Tomás de Aquino –, uma enorme capacidade de aplicação dessa tradição à existência do homem contemporâneo e uma universalidade cada vez mais rara.

Cognoscibilidade e incognoscibilidade

Tome-se como exemplo o ensaio *Unaustinkbares Licht*, publicado em 1953 pela Kösel Verlag. Intitulado originalmente *Philosophia negativa – Zwei Versuche über Thomas von Aquin* (Filosofia negativa – Dois ensaios sobre Tomás de Aquino), essa obra foi republicada dez anos depois, pela mesma editora, agora com o título *Unaustinkbares Licht – Über das negative Element in der Weltansicht des Thomas von Aquin*. O Brasil foi o terceiro país a publicar uma tradução desse ensaio – atrás

¹ Doutor em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

apenas dos Estados Unidos e Inglaterra, onde o texto apareceu em traduções para o inglês no mesmo ano de 1957. A edição brasileira de *Unaustrinkbares Licht* foi publicada pela Mandruvá na revista *Convenit Internacional*, número 1, uma das primeiras publicações da editora, ainda nos anos 90, em tradução de Gabriele Greggersen e Jean Lauand e com o título *Luz Inabarcável – O elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino*. A mesma tradução seria publicada em outras duas edições da editora, a *Revista Internacional d'Humanitats*, número 28, de maio e junho de 2013, e a revista *Convenit Internacional*, número 21, de maio e agosto de 2016.

Unaustrinkbares Licht é um texto imprescindível para a compreensão da filosofia de Pieper – e de Tomás de Aquino –, segundo as palavras do próprio filósofo alemão, em carta que endereçou em 1983 ao professor Jean Lauand, da Faculdade de Educação da USP, pioneiro no estudo do pensamento de Pieper no Brasil².

Nesse ensaio, Pieper afirma que, na filosofia de Tomás de Aquino, existe um pensamento fundamental, a partir do qual se determinam praticamente todos os elementos estruturadores de sua visão de mundo: o conceito de Criação. Ou seja, o conceito de que não há nada que não seja *creatura*, a não ser o *Creator*. E ainda, relacionada diretamente com esse conceito, a ideia de que a “criaturalidade” – o fato de ser criatura – determina toda a estrutura interna da *creatura*.

Pieper reconhece que pode parecer nada surpreendente que o conceito de Criação represente o centro da visão de mundo de um filósofo medieval. Mesmo porque, como é amplamente sabido, Tomás desenvolveu uma detalhada e expressa doutrina da Criação. Porém, o que não é evidente é que o conceito de Criação determina e perpassa a estrutura interna de praticamente todos os conceitos fundamentais da doutrina filosófica do ser em Tomás de Aquino. Tanto não é evidente que esse elemento basilar da filosofia tomasiana não é sequer citado nas interpretações “escolares” do Aquinate, e essa omissão conduz a sucessivos equívocos de interpretação por parte dos epígonos de Tomás, em grande parte condicionados pela filosofia iluminista.

Para Tomás de Aquino, somente o pensado pode chamar-se, em sentido estrito, “verdadeiro” – como será expresso mais tarde pela filosofia moderna. Porém, a diferença entre os filósofos modernos e o pensamento tomasiano é que, enquanto para Bacon e Kant não se pode chamar de verdadeira a realidade, mas apenas o pensado, para Tomás, as coisas reais são, de fato, algo pensado. Elas são reais por serem pensadas. Ou melhor, são reais pelo fato de serem criadoramente pensadas.

A importância dessa doutrina de Tomás reside no fato de que é justamente o fato de serem pensadas que garante a inteligibilidade das coisas naturais pelo intelecto humano. Acontece que, para o Aquinate, a realidade natural está situada entre dois cognoscentes, o intelecto divino e o intelecto humano – o que constitui a base fundamental do pensamento tomasiano sobre a verdade das coisas.

A estrutura da realidade total, como diz Pieper, se estabelece entre a inteligência absolutamente criadora do conhecimento de Deus, que pensa o ser, e a inteligência imitativa do homem, que se dirige para o ser. É uma estrutura articulada entre “Projetador” e “realização do projeto”.

Entra em evidência aqui o conceito de mensura, “medida”, não no sentido quantitativo – como quando se diz um litro de leite ou um quilo de feijão –, mas no sentido qualitativo, ligado à forma, às noções de “dar medida” e de “receber medida”.

Assim, o pensamento criador de Deus dá medida e não é medido; a realidade natural recebe medida desse pensamento criador e dá medida para o intelecto humano;

² Jean Lauand, *O que é uma universidade? – Introdução à filosofia da educação de Josef Pieper*, p. 111.

e o conhecimento humano recebe medida e não mede (a não ser no caso do artista, por exemplo, que atribui medida à obra de arte).

Há, portanto, aponta Pieper, um duplo conceito de “verdade das coisas”: o primeiro afirma o ser pensado por Deus e o segundo, a inteligibilidade para o espírito humano.

Segundo as palavras de Pieper:

A sentença que diz “as coisas são verdadeiras” significa, em primeiro lugar, portanto: as coisas são criadoramente pensadas por Deus; e, por outro lado: as coisas são, por si mesmas, acessíveis e apreensíveis para o conhecimento humano.³

Isso significa – continua Pieper – que as coisas são inteligíveis para nós porque foram pensadas por Deus. Enquanto pensadas por Deus, as coisas são dotadas não apenas de sua essência, algo como que “para si mesmas”, mas detêm ainda um ser “para nós”.⁴

Ainda de acordo com Pieper:

As coisas têm a sua inteligibilidade, a sua luz interna, a sua luminosidade, o seu caráter manifestativo, devido ao fato de que Deus as pensou; por essa razão, são essencialmente pensamento. A claridade e a luminosidade, que jorram do pensar criador de Deus para o interior das coisas, junto com seu ser (junto com seu ser, não! Como o seu próprio ser! – essa luz interna – e só ela – é o que torna as coisas existentes apreensíveis ao intelecto humano.⁵

Acrescentem-se duas citações de Tomás, que confirmam o que acaba de ser dito: “Uma coisa tem de realidade tanto quanto tem de luz”, ele afirma num comentário às Escrituras⁶, e “O próprio ser real das coisas é sua luz”⁷. É essa luz, esclarece Pieper, o que torna as coisas visíveis ao olho humano. Por isso é que se pode dizer que as coisas são inteligíveis pelo fato de serem pensadas.

Assim como o fato de as coisas serem criadas garante sua inteligibilidade pelo intelecto humano, esse mesmo fato é o fundamento da incognoscibilidade dessas coisas. Explica-se. De acordo com Tomás, pode-se falar de “verdade” em dois sentidos: primeiro, no sentido de que as coisas, como *creaturae*, correspondem ao pensamento criador de Deus – no que consiste formalmente a verdade das coisas; e, segundo, no sentido de que o conhecimento do homem é verdadeiro de acordo com a medida que recebe da realidade. É nessa correspondência entre o intelecto humano e a realidade que consiste formalmente a verdade do conhecimento humano. Como diz Tomás na *Suma Teológica* (I, 21, 2): “Quando as coisas são a medida e o padrão de orientação do intelecto, então a verdade consiste em que o intelecto se conforme às coisas (...). Quando, porém, é o intelecto o padrão de orientação e medida das coisas, então a verdade consiste em que as coisas se conformem ao intelecto”.

³ *Convenit Internacional* 21, p. 67.

⁴ *Convenit Internacional* 21, p. 68.

⁵ *Idem*.

⁶ *Comentário a I Tim* 6,4

⁷ *Comentário ao Liber de causis* I, 6

Pieper observa que essas duas correspondências (pensamento para com a realidade, de um lado, e realidade para com o Pensamento, de outro) significam, ambas, “verdade” enquanto adequação, mas há nelas uma diferença fundamental: a primeira pode se tornar objeto de conhecimento humano, mas a segunda não pode. A primeira é inteligível ao homem, porém a segunda não o é.

Como Pieper explicita:

O homem pode perfeitamente conhecer não apenas as coisas, mas também a relação de correspondência existente entre as coisas e o seu próprio conceito das coisas. Isto é, o homem tem o poder de, para além de uma ingênua constatação das coisas, reconhecê-las com juízo e reflexão. Em outras palavras, o conhecimento humano não tem apenas o poder de ser verdadeiro, mas ainda o de reconhecimento da verdade. Todavia, a correspondência das coisas para com o conhecimento criador de Deus, na qual primária e propriamente reside a verdade das coisas (...) – essa correspondência entre a realidade natural e o conhecimento arquetípico de Deus não nos é possível conhecer formalmente.⁸

O homem possui a potência de conhecimento das coisas, contudo não lhe é possível conhecer formalmente a verdade delas, continua Pieper. Conhecemos a imagem imitativa, mas não a sua correspondência para com o arquetipo, a relação entre o ser pensado e o seu projeto. Tal correspondência – em que consiste de modo primário a verdade das coisas, repete Pieper – está inapelavelmente oculta ao ser humano.

“Incognoscibilidade” deve ser entendida aqui não como se existisse algo em si mesmo impossível de conhecer ou em que nem mesmo houvesse alguma coisa a se conhecer. Antes, refere-se à insuficiência do intelecto humano para apreender determinadas coisas, pois seu poder cognitivo não é suficientemente penetrante. Não é que exista algo inacessível ou escuro em si mesmo, mas sim, pelo contrário, que existam coisas com tanta luz que uma dada potência de conhecimento infinita não pode exauri-la, porque ultrapassa seu poder de captação e escapa ao seu alcance apreensivo.

Como afirma Pieper, a incognoscibilidade das coisas – no sentido de ser inexaurível – faz parte imediata do conceito de verdade das coisas. Ou seja, o fato de que sua cognoscibilidade não possa ser exaurida por uma potência cognoscitiva finita faz parte da essência das coisas – porque elas são criatura. A causa de sua cognoscibilidade tem o efeito contrário da incognoscibilidade.

Nas palavras de Pieper:

É da essência de todos os entes (enquanto *creatura*) o serem “formados-segundo”, de acordo com um arquetipo, que reside no absolutamente criacional conhecimento de Deus. *Creatura in Deo est creatrix essentia*, a criatura é, em Deus, essência criadora; assim está escrito no *Comentário a João* de Tomás; e na *Summa Theologica*: “Todo o real possui a verdade de sua essência, na medida em que reproduz o saber de Deus”.⁹

⁸ *Convenit Internacional* 21, p. 69.

⁹ *Convenit Internacional* 21, p. 70.

As virtudes humanas

Ao longo de sua carreira como professor de Antropologia Filosófica da Universidade de Münster, na Alemanha, Pieper se dedicou a investigar as chamadas virtudes cardeais – prudência, justiça, fortaleza e temperança –, uma concepção sobre ética que remonta a Aristóteles e é plenamente desenvolvida por Tomás de Aquino. Dessas pesquisas resultaram quatro obras de Pieper, uma para cada virtude: *Vom Sinn der Tapferkeit* (Sobre o sentido da fortaleza), de 1934, *Traktat über die Klugheit* (Tratado sobre a prudência), de 1937, *Zucht und Maß* (Criação e temperança), de 1939, e *Über die Gerechtigkeit* (Sobre a justiça), de 1953.

Em 1974, Pieper resumiu esses estudos num pequeno ensaio chamado *Die Aktualität der Kardinaltugenden: Klugheit, Gerechtigkeit, Tapferkeit, Maß* (A atualidade das virtudes cardeais: prudência, justiça, fortaleza e temperança), que a Editora Mandruvá publicou em sua revista *International Studies on Law and Education*, número 11, de maio a agosto de 2012, com o título *As virtudes humanas revisitadas*, em tradução de Jean Lauand.

Nesse texto, Pieper explica o significado das quatro virtudes cardeais. “O agir humano é bom e ordenado quando procede da verdade, que afinal de contas nada mais é que o vir a encarar a realidade. E precisamente este é o sentido da prudência e de sua posição privilegiada: que – tanto quanto possível – vejamos a realidade, que eu veja como realmente são os elementos que compõem a situação que exige de mim uma decisão”¹⁰, afirma Pieper, a respeito da virtude da prudência.

Essa visão da realidade – diz Pieper – não se refere a uma neutra contemplação da natureza, mas da incorruptível “busca da verdade” a respeito de situações nas quais costumam estar fortemente envolvidos fatores de interesse pessoal. “O que importa, portanto, é fazer calar nossos interesses – e, talvez também ouvir o outro, possivelmente um oponente. Quem não consegue isto, ou não está disposto a isso, jamais chegará a ver a realidade como ela é.”¹¹

“Mas isso é apenas o começo e a primeira metade da prudência. A outra, bem mais difícil, consiste em transformar aquilo que foi visto, a verdade das coisas, em diretriz do próprio querer e agir. Só então se perfaz a virtude da prudência, que com razão foi definida como ‘a arte de decidir-se corretamente’. Só quem domina essa arte pode ser considerado um homem moralmente maduro e adulto. Para ele foi cunhada a palavra da Sagrada Escritura: ‘Se o teu olho é simples (*simplex*), então todo teu corpo estará na luz’ (Mt 6,22).”¹²

A respeito da virtude da justiça, Pieper ensina, no pequeno mas precioso ensaio: “Precisamente isto é a justiça: a vontade constante de dar a cada pessoa, com quem nos relacionamos, aquilo que lhe é devido. A Justiça é pois, como vemos, algo que está em segundo lugar; ela pressupõe algo diferente de si mesma: a saber, que, primeiro, haja alguém a quem algo é devido e que aquele que é convidado a exercer a justiça aceite esse dever”¹³.

Pieper busca as razões mais profundas por que todo ser humano possui algo que lhe é devido inalienavelmente. “O conceito de pessoa, de fato, é aqui decisivo – enquanto se compreende ‘pessoa’ como um ente que existe para seu próprio

¹⁰ *International Studies on Law and Education* 11, p. 96.

¹¹ *International Studies on Law and Education* 11, p. 97.

¹² Idem.

¹³ Idem.

aperfeiçoamento e realização. Mesmo assim, em caso de conflito, ao se chegar aos extremos, não basta retroceder ao mero ser-pessoa (como supunham alguns filósofos idealistas). É necessário, nesses casos, poder colocar em jogo uma instância absoluta, mais além de qualquer instância humana, ou, dito de outro modo: o outro deve ser-me intocável por eu o ver como ente criado por Deus como pessoa.”¹⁴

Num parágrafo, Pieper sintetiza o significado clássico da virtude da fortaleza:

“O bem não se impõe por si mesmo, como opinam os liberais. Para que isso ocorra, há necessidade do empenho da pessoa. Empenhar-se pela realização do bem contra o poder do mal (que às vezes também poderá ser um super-poder), eis aí circunscrito de forma bem completa aquilo que perfaz o ato da virtude da fortaleza. ‘Empenhar-se’: com isso não se indica um agir qualquer, mas um agir pelo qual o agente está disposto a sofrer um prejuízo. Com estouvados saltos de esquí ou perigosas escaladas de montanha (com o que, não há muito tempo, tentou-se explicar – de modo exaustivamente inadequado – a virtude da fortaleza na televisão alemã) consegue-se perfeitamente não atingir aquilo que é decisivo nessa virtude. Com um tal enfoque, por um lado, exige-se demais, se, de fato, a fortaleza deve integrar os elementos do ‘estar-certo’ de todo homem (pois como pretender que tais proezas sejam realizadas pelo ‘homem comum?’); por outro lado, pede-se de menos. Em uma palavra: falta seriedade. Na verdade, em geral, o ato de virtude é algo totalmente sem brilho, como, por exemplo, assumir ser publicamente ridicularizado por tomar o partido de uma causa justa”.¹⁵

Já a virtude da temperança é descrita assim por Pieper:

“Trata-se, na verdade, de que justamente as forças do ser do homem orientadas por natureza para a autoconservação, aperfeiçoamento e realização, são aquelas mesmas forças que podem também desnaturar-se para a autodestruição. Todas elas e, talvez, somente elas. A sexualidade é apenas uma dessas forças e é dela que menos se precisa falar especificamente, na medida em que o cristão entenda que a castidade não visa à repressão da força sexual mas a defender-se da autodestruidora perversão dessa força. Como também, naturalmente, nem o prazer nem a reta afirmação de si parecem condenáveis ao cristão. Mas – tema também da temperança – encontrar uma compreensível fundamentação antropológico-ética para o jejum e para a abstinência, como também para a virtude da humildade, já parece mais difícil”¹⁶.

Homem, universidade e filosofar

Outro texto em que Pieper faz profundas e originais reflexões sobre o homem é *Offenheit für das Ganze – Die Chance der Universität (Abertura para o todo – A chance da universidade)*, publicado em 1963. Também esse ensaio foi lançado no Brasil pela Editora Mandruvá, em duas de suas revistas: a *Mirandum*, número 9, de

¹⁴ Idem.

¹⁵ *International Studies on Law and Education* 11, p. 99.

¹⁶ *International Studies on Law and Education* 11, p. 100.

janeiro a junho de 2000, e a *International Studies on Law and Education*, número 21, de setembro a dezembro de 2015. Essa tradução, intitulada *Abertura para o todo – A chance da universidade*, é assinada por Gilda Naécia Maciel de Barros e Jean Lauand.

Nele, Pieper mostra que o ser humano e a universidade possuem a mesma estrutura. Ambos estão voltados para o conhecimento da realidade total. Com raízes na Antiguidade clássica, a universidade é uma instituição que, de modo específico e singular, está relacionada com a totalidade do real, com o mundo como um todo. “A própria fundação de Platão se autoconsiderava *universitas*, uma comunidade de ensino e aprendizagem formada por homens – é o que diz Sócrates na República (486 a) – ‘cuja alma se lança continuamente para atingir o todo e o universal, tanto divino quanto humano’”¹⁷, escreve Pieper.

Ele enfatiza essa experiência fundamental que se encarnou e que tem permanecido por mais de dois mil anos nessa instituição da civilização ocidental europeia, que é, em última análise, o fundamento da universidade e sua razão de ser. “Essa experiência tem por objeto, nada menos, a natureza do espírito humano. Para formulá-la, pode-se dizer o seguinte: o espírito, por sua própria essência, refere-se ao todo da realidade; não é, no fundo, senão aquela capacidade de relacionamento que aponta para a universalidade do real; está capacitado e disposto a entrar em contato (e a manter esse contato) com o ‘em si’ de tudo que é. ‘Ter espírito’, ser ‘um ente dotado de espírito’, significa sobretudo ser *capax universi*, capaz de abarcar e de ser receptivo ao todo do mundo. Ao contrário do animal, que está encerrado num meio fragmentário, num ‘mundo circundante’, ter espírito significa existir face ao conjunto da realidade, *vis-à-vis de l’univers*.”¹⁸

É por isso, acrescenta Pieper, que a universidade é constituída intrinsecamente de um caráter filosófico – e não científico. Em outras palavras, o estudo ministrado na universidade, mesmo o estudo das ciências particulares, deve ser sempre feito do ponto de vista da visão do todo da realidade, da busca pelo conhecimento de todas as coisas – ou seja, do ponto de vista da filosofia. Daí que tanto o ser humano como a universidade e o filosofar possuem a mesma estrutura.

Como Pieper afirma, nenhuma ciência indaga: “o que o todo, afinal, tem a ver com esta realidade concreta?”.

“As ciências perguntam: qual é causa de tal doença; como se produziu tal evento histórico; de que tipo é a estrutura do átomo; e assim por diante. A ciência está constituída precisamente por estes saberes setoriais, que são gerados através de enunciados especializados, aspectos particulares sob os quais a realidade é considerada. As ciências existem, por assim dizer, por causa dos limites que as opõem uma às outras. Quando um físico, enquanto físico, considera um corpo, não lhe interessam absolutamente os aspectos que são importantes para o químico ou para o biólogo. Já o filósofo, pelo contrário, mesmo quando focaliza uma realidade concreta (e naturalmente nem sempre fala, expressa e exclusivamente, do ‘mundo como um todo’), tanto faz que se trate de uma folha de papel, de mim mesmo ou de um de meus ouvintes, de um evento político, de um ato religioso ou da morte; o filósofo, dizia, busca responder as questões do tipo: o que é – sob toda a perspectiva de reflexão – ‘isto aqui’? (e, para fazê-lo, talvez nem mesmo precise estar claro o que são essas ‘perspectivas de reflexão’ –

¹⁷ *International Studies on Law and Education* 21, p. 61.

¹⁸ *Idem*.

mesmo isso continua em aberto). O próprio Whitehead exprime a mesma ideia do seguinte modo: o problema filosófico é *to conceive a complete fact*, compreender plenamente, totalmente, de ponta a ponta uma realidade; *completely*, completamente.”¹⁹

Formas de ser crítico

Textos curtos e breves reflexões de Pieper – que abordam determinados temas com a mesma profundidade verificada nas grandes obras do filósofo alemão – também têm espaço nas revistas da Editora Mandruvá. Basta citar *Dois modos de ser crítico*, tradução de *Zwei Weisen, »kritisch« zu sein*, um opúsculo de 1975, publicada na revista *Mirandum*, número 12, de 2001, e na *International Studies on Law and Education*, número 9, de setembro a dezembro de 2011, em tradução de Gabriele Greggersen e Jean Lauand.

“Pensar criticamente caracteriza-se por uma certa vigilância e cuidado. Esse cuidado dirige-se a evitar ‘engolir’ com demasiada facilidade determinadas coisas que costumam passar despercebidas ao espírito acrítico”²⁰, começa Pieper. Ele dá como exemplo o cientista, para quem “ser crítico” significa zelar para que, apenas e tão somente, o que foi suficientemente comprovado seja aceito como válido. No entanto, ressalta o filósofo alemão, há ainda outros modos pelos quais a verdade se torna acessível.

Para os seres humanos, enquanto seres chamados à reflexão, não basta chegar a conhecer, por exemplo, como se estrutura o átomo ou como se desenvolvem as doenças cancerosas, acrescenta Pieper. “Tais conhecimentos são-nos insuficientes e não abrimos mão de alcançar alguma concepção, seja de que tipo for, sobre a totalidade do real, bem como sobre a própria existência humana; em última análise, nosso desejo de conhecer tem por objetivo aquilo que o filósofo anglo-americano Alfred N. Whitehead chama de *the complete fact*, o ‘fato completo’, a coesão global do mundo e da existência. Quanto a isso, é para nós absolutamente claro que jamais será possível um conhecimento humano exaustivo a respeito deste ‘objeto’ e que, pelos métodos das ciências exatas, o homem talvez nem sequer possa divisar essa coesão global. No entanto, insistimos em perguntar-nos acerca dela e em procurar uma resposta para ela.”²¹

Essa insistência, esse buscar o conhecimento exaustivo sobre o objeto de estudo está ligado ao filosofar, que se volta em “direção à totalidade” da existência. “Filosofar significa precisamente isto: considerar a totalidade, o sentido último daquilo com que deparamos na experiência. É uma tarefa que evidentemente não pode ser encerrada no âmbito delimitado de uma disciplina acadêmica especializada, uma tarefa da qual, além do mais, ninguém que tenha a pretensão de pautar a sua existência a partir do pleno impulso de sua vida do espírito se pode eximir.”²²

Evidentemente, reconhece Pieper, o filósofo – e também aquele que crê – também precisa ter o cuidado de ser crítico, mas ao seu próprio modo, que é diferente do modo de ser crítico do cientista. “Esse cuidado se refere a algo completamente diverso daquilo que orienta a vigilância do pesquisador científico, que visa em especial, para usar uma formulação breve, ‘não deixar passar nada’ (*nichts durchlassen*) que não tenha sido comprovado, enquanto para o que filosofa, tal como para aquele que crê, o que vale é ‘não deixar de fora nada’ (*nichts auslassen*),

¹⁹ *International Studies on Law and Education* 21, p. 62.

²⁰ *International Studies on Law and Education* 9, p. 39.

²¹ Idem.

²² Idem.

absolutamente nada, nem perder algo do todo do mundo e daquilo que nos foi destinado e adjudicado pela Palavra reveladora de Deus. Para evitar que nem ao menos o menor elemento da totalidade da verdade lhe escape, estaria antes pronto a contentar-se com provas menos exatas do que assumir um possível comprometimento do contato com a verdade. E no que se refere àquele que crê, permanece para reflexão a sentença de John Henry Newman, que afirma que o cuidado crítico, cuidado de quem crê, pode manifestar-se precisamente no fato de ‘não esperar pela prova mais perfeita que se possa imaginar’.”²³

Comentadores

Além da tradução de textos de Pieper, as revistas do Cemoroc publicam também ensaios e informações sobre o filósofo de Münster. Logo que foi concluída a edição das obras completas de Pieper, a revista *Notandum*, número 17, de julho de 2008, trouxe o artigo “Josef Pieper: Obras Completas – Os Doze Trabalhos de Berthold Wald”, de Jean Lauand. O texto dava conta de que a publicação, em março daquele mesmo ano, do volume 8,2 das *Werke* de Josef Pieper, em 11 tomos e um CD, pela Meiner Verlag, de Hamburgo, coroava o trabalho do editor, Berthold Wald, professor da Theologische Fakultät Paderborn. No artigo, Lauand escreveu: “O professor Wald iniciou essa tarefa por indicação do próprio Josef Pieper, em estreita colaboração com ele. De fato, já em 1990, Pieper consultou Wald sobre essa possibilidade e ele, com a Josef Pieper Stiftung e o apoio da Stifterverbandes für die Deutsche Wissenschaft, começou o trabalho em 1993. Em 1995 começaram a aparecer os alentados tomos, que agora se completam e se encontram no CD que coroa essa monumental obra”.

O próprio professor Wald é colaborador das revistas do Cemoroc, que já publicou nove ensaios de sua autoria. Como um dos maiores especialistas na obra de Pieper, Wald, nesses textos, interpreta o pensamento do filósofo de Münster. Entre os artigos de Wald publicados estão: “Razão e paixão: Tomás de Aquino e Josef Pieper – hoje” (*International Studies on Law and Education* 5), “Filosofia positiva. El punto de partida de la filosofía en Josef Pieper” (*Notandum* 23), “Verità e realtà. Josef Pieper e l'attualità di Tommaso d'Aquino” (*International Studies on Law and Education* 12) e “Naturalismus und Naturrechtskritik. In welchem Sinn ist das naturgemäße Kriterium der Gerechtigkeit?” (*International Studies on Law and Education* 7).

Ensaio de pesquisadores brasileiros que revelam aspectos pouco notados do pensamento de Pieper também são contemplados pela Editora Mandruvá. Por exemplo, Jean Lauand publicou “Um aspecto árabe no filosofar de Pieper” (*Collatio* 7), “What is it all about? Josef Pieper e a universidade” (*International Studies on Law and Education* 11), “Abalo filosófico e afins. Por uma pedagogia da admiração” (*International Studies on Law and Education* 10), “Pieper's theory of feasting – The work of a „Brasiliano” painter” (*International Studies on Law and Education* 3) e “Método e linguagem no pensamento de Josef Pieper” (*Videtur* 29). Do autor deste artigo, foram publicados “Negatividade versus racionalismo: a visão de Pieper sobre o Pseudo Dionísio Areopagita” (*Mirandum* 21), “Negatividade e prudência no pensamento de Josef Pieper” (*International Studies on Law and Education*) e “Josef Pieper: a realidade como fundamento da educação moral” (*Revista Interacional d'Humanitats* 24), entre outros textos.

Estas breves anotações parecem ter demonstrado a importância da Mandruvá para a divulgação do pensamento pieperiano no Brasil. Sendo uma instituição tão

²³ *International Studies on Law and Education* 9, p. 40.

ligada a Josef Pieper, é curioso perceber que ela surgiu exatamente no ano da morte do filósofo alemão, que se deu no dia 6 de novembro de 1997. Saindo de cena fisicamente, o filósofo continua a falar – em português – através das revistas eletrônicas da editora.

Referências Bibliográficas

LAUAND, JEAN. *O que é uma universidade? – Introdução à filosofia da educação de Josef Pieper*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

PIEPER, JOSEF. *Abertura para o todo – A chance da universidade*, tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros e Jean Lauand, in *International Studies on Law and Education*, número 21, de setembro a dezembro de 2015, p. 59-70.

_____. *As virtudes humanas revisitadas*, tradução de Jean Lauand, in *International Studies on Law and Education*, número 11, de maio a agosto de 2012, p. 95-101.

_____. *Dois modos de ser crítico*, tradução de Gabriele Greggersen e Jean Lauand, in *International Studies on Law and Education*, número 9, de setembro a dezembro de 2011, p. 39-40.

_____. *Luz Inabarcável – O elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino*, tradução de Gabriele Greggersen e Jean Lauand, in *Convenit Internacional*, número 21, de maio e agosto de 2016, p. 63-74.

Recebido para publicação em 17-09-16; aceito em 05-10-16